

A experiência estética e a descoberta de sentido na logoterapia

Laleska Kimberly Pereira Claudino

*Universidade Federal da Paraíba
laleska.kimberly@hotmail.com*

Gilfranco Lucena dos Santos

*Universidade Federal da Paraíba
gilfranco.lucena@academico.ufpb.br*

As formas de percepções de qualidades estéticas e as experiências estéticas vivenciadas estão relacionadas à dimensão noológica da pessoa humana. Objetiva-se demonstrar a interface entre a estética filosófica e a logoterapia com a descoberta de sentido. Para relacionar os conhecimentos da abordagem psicológica supracitada com essa área da filosofia foi realizado um estudo de base fenomenológica das obras de Viktor Frankl, bem como um estudo filosófico da obra de Maria E. Reicher. Evidencia-se que uma das vias de encontro de sentido são os valores vivenciais. Esta se relaciona com as experiências estéticas que o sujeito é capaz de perceber e vivenciar ao longo da vida.

Palavras-chave: estética filosófica, experiência estética, sentido, logoterapia, valores vivenciais.

Introdução

A estética filosófica no contexto aqui abordado é denominada como sendo uma disciplina da filosofia. Sua definição está para além do que comumente é difundido, como por exemplo: a teoria do belo, teoria da arte, ou até mesmo teoria de conhecimento sensitivo. A proposta que será apresentada, tomando como base a obra introdutória de Maria Reicher, considera a estética filosófica como sendo “a teoria da experiência estética, dos objetos estéticos e das qualidades estéticas”¹.

Além do entendimento dos elementos da estética filosófica que serão necessários para o desenvolvimento deste trabalho, serão explanados alguns dos elementos filosóficos da Logoterapia e a categoria dos valores vivenciais como via de encontro de sentido. Por hora, cabe saber que essa abordagem psicológica centrada no sentido foi fundada por Viktor Frankl, desenvolvida em Viena, e é considerada como sendo a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia². Por ser uma abordagem de

¹ REICHER, Maria Elizabeth. Introdução à estética filosófica, São Paulo, 2009, p. 17.

² FRANKL, Viktor Emil. Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração. 51 ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 2020a, p. 121.

base fenomenológica e por considerar os valores humanos sua teoria nos aproxima das relações com os elementos da estética filosófica que serão posteriormente elucidados.

Dessa forma, considerando essas duas áreas do conhecimento, o objetivo deste trabalho é apresentar a relação existente entre a vivência da experiência estética e os valores vivenciais na Logoterapia. Para tanto, é importante que se compreenda mais intimamente o que quer dizer os termos qualidade estética e experiência estética, e a problemática que influencia as compreensões a respeito desses elementos; sendo assim, serão explanados esses conceitos para que então possamos adentrar na problemática no qual este artigo se propõe investigar, a saber: a experiência estética ajuda na descoberta de sentido, de acordo com a logoterapia?

Conceitos fundamentais da estética filosófica

E para falarmos sobre os conceitos citados anteriormente é necessário situar a teoria que estuda esses objetos. Estamos falando da estética filosófica. Como ponto de partida é preciso esclarecer a origem do termo “estética”. Conforme evidenciado em Reicher³, a palavra “estética” vem do termo grego *aisthesis*, cujo significado é "percepção sensitiva". É válido também mencionar que quando se pensa em estética filosófica, automaticamente uma definição comumente difundida é a ideia de que ela seja a teoria do conhecimento sensitivo, ou mesmo a teoria do Belo e/ou da arte. Todavia, quando estudadas de forma mais sistemática, essas definições se apresentam como inadequadas. Posto isso, a definição que Maria Reicher propõe em sua obra introdutória, conforme mencionado anteriormente, reza: “A estética é a teoria da experiência estética, dos objetos estéticos e das qualidades estéticas”⁴. Logo, será à luz desse entendimento que os demais elementos estéticos serão estudados.

A respeito das qualidades estéticas, é necessário que se compreenda as teorias subjacentes que irão influenciar aquilo que se compreende como sendo uma qualidade estética. Dito isto, o pano de fundo em que se originam essas teorias advém de dois grandes contextos, conforme é evidenciado na obra introdutória de Maria Reicher⁵: um favorável ao realismo estético, o qual defende a posição de que qualidades estéticas existem; outro favorável ao antirrealismo estético, o qual afirma que qualidades estéticas não existem, e se existem elas sobrevivem de qualidades não estéticas⁶.

Além disso, outro fator importante a ser considerado é que a posição abordada para definir o que seria a qualidade estética irá influenciar também a forma com a qual são interpretado os juízos valorativos estéticos, conseqüentemente a negação ou afirmação a respeito das qualidades valorativas estéticas. Por esta razão, faz-se necessário explicar que a respeito das teorias antirrealistas, elas

³ REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 9.

⁴ REICHER, 2009, *loc. cit.*, p. 17.

⁵ *Ibidem*, p. 68.

⁶ *Ibidem*, p. 69.

defendem a não existência de juízos valorativos estéticos, enquanto que o realismo estético irá se posicionar a favor da existência de predicados valorativos estéticos, que irão expressar esses juízos, bem como caracterizar a genuinidade dos objetos estéticos como sendo verdadeira.

Dessa forma, é importante que fique esclarecido que este estudo terá o realismo estético como posição norteadora das relações que serão estabelecidas posteriormente. Por hora, é possível partir para a tentativa de explicar o que é então uma qualidade estética. Maria Reicher demonstra que existe uma certa dificuldade para se expressar ou classificar o que seja uma qualidade estética. No entanto, ela apresenta pontos essenciais para chegar à compreensão do que sejam essas qualidades estéticas:

- a) “qualidades estéticas contém um componente valorativo”⁷;
- b) “muitas, e provavelmente a maioria, das qualidades estéticas são qualidades de valor”⁸;
- c) “qualidades estéticas são um tipo específico de qualidades não naturais”⁹;
- d) “Qualidades estéticas — como, por exemplo, ser belo ou ser entediante — não podem ser qualidades de percepção puramente sensorial”¹⁰;
- e) “Qualidades estéticas estão fundadas por qualidades não estéticas”¹¹.

Após considerar esses pontos sobre a qualidade estética, o próximo passo é compreender de que forma ocorre a percepção dessas qualidades, para que então possamos nos aproximar de um entendimento a respeito da experiência estética, e, tão logo seja possível, relacionar esses conhecimentos com a logoterapia. Posto isso, o que se segue agora é o argumento de que para o reconhecimento de qualidades valorativas estéticas não basta apenas a percepção sensorial, ou até mesmo o intelecto. O primeiro, porque as pessoas podem discordar quanto às qualidades valorativas, ainda que tenham a mesma percepção sensorial sobre alguma coisa. O segundo, porque aprender sobre qualidades valorativas não evidencia um reconhecimento genuíno das mesmas.

Diante desse cenário, a pergunta que surge é: O quê possibilita, então, o reconhecimento de qualidades estéticas valorativas? Maria Reicher nos traz uma resposta interessante para essa pergunta, que diz: “Reconhecemos qualidades valorativas estéticas por meio de nossas emoções, mais exatamente: por meio de nossos sentimentos. O meio para reconhecer valores estéticos é nossa capacidade de experimentar sentimentos estéticos”¹².

Além disso, a autora da obra estudada acrescenta um argumento que vai contra o subjetivismo dos sentimentos experimentados diante de uma realidade. Esse argumento reza que “nossa

⁷ *Ibidem*, p. 66.

⁸ *Ibidem*, *loc. cit.*, p. 66.

⁹ *Ibidem*, p. 67.

¹⁰ *Ibidem*, p. 68.

¹¹ *Ibidem*, p. 69.

¹² REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 85-86.

capacidade de experimentar sentimentos pode ser também um meio cognitivo”¹³. Associado a isso, há uma descrição que reforça a ideia de que “qualidades valorativas estéticas têm a mesma objetividade que as qualidades sensoriais”¹⁴, bem como, que essas percepções irão depender de condições perceptuais que sejam ideais para a vivência estética.

Quando se fala sobre condições perceptuais ideais, o livro apresenta alguns exemplos que considero importante trazer aqui, são eles: a atenção dispendida que o sujeito dá a uma coisa, a capacidade de discernir sobre determinado objeto, a sensibilidade de perceber qualidades estéticas, o ambiente em que se observa essas qualidades, bem como a familiaridade cultural que o receptor possui com determinados contextos.

Agregado à essa compreensão de condições ideais, um outro conceito que se torna imprescindível mencionar, diz respeito às qualidades estéticas disposicionais. Estas, por sua vez, dependem da excelência dessas condições ideais para que possam ter a disposição de causar em determinados sujeitos a sensação de algo, como por exemplo: sensações cromáticas¹⁵. Nessa mesma perspectiva, Maria Reicher demonstra que não apenas as qualidades perceptuais podem ser consideradas como uma qualidade disposicional, as qualidades que emitem um valor estético também o podem, pois estas, conforme diz a autora: “são qualidades objetivas dos próprios objetos”¹⁶, ou seja, são qualidades que apontam para uma universalidade ao reconhecer determinada qualidade valorativa, como por exemplo, a beleza.

Apesar do exposto, seria possível confundir a teoria da disposição com o subjetivismo num primeiro momento. No entanto, há uma diferença entre aquilo que é causado de forma subjetiva individualmente, e aquilo que sob condições ideais pode ser causado objetivamente em qualquer receptor ideal¹⁷. Logo, é importante deixar claro que é em consonância com o realismo estético — perspectiva adotada neste trabalho — que a teoria da disposição se sustenta.

Ao levar em consideração o que fora dito anteriormente sobre essas condições serem importantes para a vivência estética, estamos nos referindo à experiência estética, a qual é um dos pontos que este trabalho se propõe investigar. Sobre isso, uma série de pormenores irá influenciar

¹³ *Ibidem*, p. 86.

¹⁴ *Ibidem*, p. 87.

¹⁵ O que se sabe é que sensações cromáticas são consideradas qualidades sensoriais. Porém, elas também podem ser compreendidas como qualidades disposicionais, ou seja, que têm a disposição de causar, em um sujeito receptor ideal, sob determinadas condições ideais, a sensação de algo. Nesse sentido, apesar de passar pelo nível privado no processo de perceber, ainda há objetividade no reconhecimento dessas qualidades. Por esta razão, é igualmente válido considerar as qualidades valorativas como qualidades disposicionais.

¹⁶ REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 89.

¹⁷ Dito de outra forma, a diferença é que essa disposição de causar não é algo pessoal à mercê apenas da singularidade do sujeito receptor. Antes, refere-se à disposição de causar para qualquer receptor ideal, sob condições ideais, as mesmas sensações. Ou seja, é mais geral e menos particular. Sobre essa problemática cf. REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 90.

aquilo que se compreende como sendo experiência estética. No entanto, nos ateremos à compreensão de que, segundo Maria Reicher, “a maioria das experiências estéticas consiste em uma experiência de percepção e num sentimento, tipicamente uma emoção de gosto ou desgosto”¹⁸.

Conceitos fundamentais da Logoterapia

Após explicados os principais elementos de base filosófica que serão abordados ao longo do artigo, mais especificamente no âmbito da filosofia estética, cabe agora adentrarmos na segunda base teórica deste estudo, a saber: a logoterapia, também conhecida como a Terceira Escola Vienense de Psicoterapia. Viktor Frankl define a logoterapia como sendo uma “psicoterapia centrada no sentido”¹⁹. Inseparadamente a essa definição, faz-se mister trazer também a explicação da origem do termo “logoterapia”. Conforme aponta o próprio Frankl²⁰, “*logos*” é um termo grego, cujo significado é “sentido”, e assim como é evidenciado em outra obra do autor, “*logos*”, no contexto da logoterapia, irá significar também “espírito”. Frankl chega a utilizar em um dos seus livros a expressão “psicoterapia a partir do espírito”²¹.

A partir disso, é igualmente válido considerar que quando Frankl se refere a “espírito”, o termo não é empregado alegoricamente com implicação religiosa. Antes, sua intenção era expressar mais intimamente o significado da palavra *logos*, o qual, nas palavras dele próprio, vem a ser conceituado como sendo “a humanidade do ser humano e o sentido do ser humano”²². Assim sendo, essa compreensão nos aproxima do termo no qual as vias de encontro de sentido acontecem. Tal termo diz respeito à dimensão noológica, que é onde os fenômenos essencialmente humanos são vivenciados e localizados²³.

Ao falar sobre essa dimensão, é importante que se saiba que é justamente por considerá-la que a logoterapia se diferencia das demais abordagens psicológicas. Posto isso, acrescento que sua visão de homem considera não apenas a dimensão somática e psíquica, mas também a dimensão noética. Sobre esta última, ela também irá abarcar as vias de encontro de sentido, e de um modo geral ela demonstra uma orientação voltada para os valores humanos.

Para que se possa estreitar a relação de conhecimentos com a abordagem psicológica que orientará esse estudo, é útil falar também dos seus fundamentos filosóficos. A logoterapia vai ao encontro da liberdade humana e se ocupa com o sentido da existência. Ela possui três pressupostos fundamentais, são eles: 1) a liberdade da vontade, que compreende o homem como sendo livre para

¹⁸ *Ibidem*, p. 59.

¹⁹ FRANKL, Viktor Emil. Um sentido para a vida, Aparecida, SP 2005, p. 17.

²⁰ *Idem*. 2020a, *loc. cit.* p. 121.

²¹ *Idem*. Psicoterapia e sentido da vida, São Paulo, 2019, p. 85.

²² *Idem*. A vontade de sentido, São Paulo, 2011, p. 28.

²³ FRANKL, 2019, *loc. cit.*, p. 85.

se posicionar diante da vida e diante de si mesmo, ao passo em que se abre para a dimensão noética; 2) a vontade de sentido, a qual defende que o responsável por realizar sentido na própria vida é o homem, e que a autorrealização não deve ser compreendida como um fim em si mesmo, mas como algo que ocorre de modo espontâneo; 3) o sentido da vida, que é captado por meio dos fenômenos experimentados, seja no modo no qual vivenciamos a vida, seja nas atitudes que tomamos perante ela, ou até mesmo por meio daquilo que à ela é dado²⁴.

Diante do exposto, os principais elementos da teoria frankliana estão interconectados entre esses três pressupostos básicos citados acima. Mas para via de esclarecimento, os elementos que serão utilizados para nortear as relações posteriormente estabelecidas, diz respeito à dimensão noológica e a um dos valores pilares dessa dimensão, que aqui chamamos de via de encontro de sentido na vida, a saber: valores vivenciais. Apesar de escolhida a categoria que é objeto de estudo deste trabalho, é válido acrescentar que essas vias de encontro de sentido também se dão por meio dos valores atitudinais e valores criativos. No entanto, por se tratar de um trabalho consideravelmente curto, será possível apenas se ater a uma dessas categorias de valores.

Dessa forma, o principal objetivo do presente artigo é relacionar uma dessas vias de encontro de sentido, qual seja: valores vivenciais — com os elementos estéticos aqui abordados e responder às seguintes questões: 1) De que forma o pensamento de Viktor Frankl dialoga com a filosofia de Maria Reicher? 2) Como a experiência estética pode estar relacionada com os valores vivenciais que o sujeito é capaz de perceber e vivenciar ao longo da vida? 3) De acordo com a logoterapia, de que forma é possível compreender que a experiência estética contribui para o sentido da vida?

A descoberta de sentidos através da experiência estética na Logoterapia

Após considerar os elementos da estética filosófica e da logoterapia, é possível partir para a relação entre essas duas áreas de conhecimento. Para isso, é importante rememorar os conceitos aqui abordados. Tomemos como ponto de partida os juízos valorativos estéticos, que, segundo Maria Reicher, é por meio desses juízos que “expressamos também nossas atitudes valorativas”²⁵. Contudo, é importante deixar claro o cuidado que a autora teve ao considerar que os “juízos valorativos estéticos não devem ser uma mera expressão de uma emoção”²⁶. Nesse sentido, acerca da questão do valor estético contido nesses juízos, importa acrescentar o que Edith Stein compreende como valor,

²⁴ *Idem*. Psicoterapia e existencialismo, São Paulo, 2020b, p. 22. *et seq.*

²⁵ REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 77.

²⁶ *Ibidem*.

à luz do pensamento de o qual em suas palavras vem a ser “aquilo que é em si digno de apreço e que é significativo apenas para um sujeito consciente”²⁷ capaz de vivenciar o significado desses valores.

Tendo em vista essa concepção, o primeiro correlato que é factível com o pensamento de Viktor Frankl diz respeito à realização dos valores na existência humana. Como já foi demonstrado no tópico anterior, a logoterapia é a abordagem que se ocupa da dimensão espiritual da existência para explorar o sentido da vida. Em sua obra *Psicoterapia e Sentido da Vida* o autor afirma que é por meio da “apreensão de toda a riqueza do reino dos valores”²⁸ que podemos conferir sentido à vida. Para tal, a via de encontro de sentido está classificada em três categorias: valores vivenciais, valores criativos e valores atitudinais.

Antes de adentrarmos na compreensão sobre os valores vivenciais – objeto de estudo deste trabalho – importa retomar o que fora dito anteriormente por Maria Reicher a respeito de não tomar os juízos valorativos como sendo mera expressão. Sobre essa questão, Frankl fala algo semelhante quando diz: “A vontade de sentido de uma pessoa só pode ser evocada se o sentido em si puder ser elucidado como algo que se mostra essencialmente mais do que mera autoexpressão”²⁹. Com isso, de forma mais prosaica, podemos compreender que ao emitir um juízo de gosto, mais interessa a vivência genuína dessa experiência do que a expressividade desprovida de significado. Sobre essa vivência genuína, compreenda-se: a apreensão valorativa dos objetos estéticos como sendo verdadeiras.

É certo que já foi explorado neste trabalho a forma como se dá a apreensão desses valores. No entanto, a fim de reforçar essa questão, é válido acrescentar o pensamento de Edith Stein, segundo o qual é preciso uma orientação axiológica para adentrarmos no reino dos valores³⁰. De igual modo, é lícito também rememorar a forma com a qual esses valores são apreendidos. Assim como mencionado no primeiro tópico deste trabalho, Maria Reicher aponta para o nosso sentimento como meio para reconhecer essas qualidades. Semelhantemente, Edith Stein afirma que “cada propriedade psíquica pode ser portadora de valores: a receptividade sensível, a memória, o entendimento, assim como a acessibilidade aos valores éticos”³¹. Além disso, de acordo com Santos essa primeira propriedade “assume um papel fundamental na constituição do valor estético”³².

²⁷ STEIN, Edith. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften/ Eine Untersuchung über den Staat*. [Contribuições para uma fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito/ Uma investigação sobre o Estado] 2 ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1970, p. 142, n. 1.

²⁸ FRANKL, 2019, *op. cit.*, p. 112.

²⁹ *Idem.* 2020b, *op. cit.*, p. 36.

³⁰ Cf. SANTOS, Gilfranco Lucena dos. Edith Stein e o valor estético, in CARVALHO, Marcelo; CARONE, André Medina; TOURINHO, Carlos; MACEDO, Cecília Cintra Carvalho de; FILHO, Juvenal Savian (Orgs.). *Fenomenologia, religião e psicanálise*. São Paulo, 2015, p. 243.

³¹ STEIN, 1970, *op. cit.* p. 204.

³² SANTOS, 2015, *op. cit.*, p. 246.

Ainda sobre a apreensão, Viktor Frankl traz uma contribuição semelhante sobre a captação do sentido:

A pessoa tem que atingir e captar o sentido, tem que apreendê-lo, percebê-lo e efetivá-lo, isto é, realizá-lo. O sentido, por tanto, em virtude da sua relação com a situação, é também, por seu turno, irrepetível e único; e esta unicidade do «único que se impõe» faz com que o sentido, extraído da sua trans-subjetividade, em vez de ser algo dado por nós, seja para nós um dado, por muito que a percepção e realização deste dependa da subjetividade do saber e da consciência humana. A falibilidade do saber e da consciência não prejudica a trans-subjetividade do ente captado pelo saber humano nem a do dever-ser captado pela consciência humana³³.

Tal colocação ao passo que aponta para apreensão do sentido, ou seja, do valor, aponta também para um conceito muito importante da estética filosófica, que é o grau de objetividade existente na forma com a qual os objetos são percebidos. Sobre essa objetividade é válido lembrar que estamos nos referindo à capacidade que um objeto tem de transmitir para receptor ideal, e em condições ideais, um conhecimento verdadeiro de sua manifestação enquanto objeto estético.

Certamente, essa compreensão a respeito do objeto estético, harmoniza com a teoria dos objetos transcendentais, os quais são portadores de qualidades estéticas e independem do sujeito empírico para existirem³⁴. Algo análogo faz menção ao pensamento kantiano, quando Scruton o cita em sua obra *Beleza* e diz que o filósofo descrevia seu objeto “não como algo feito, mas encontrado”³⁵. Da mesma forma podemos acrescentar o que Frankl fala sobre a questão da objetividade do sentido, ele diz: “Nós não juntamos e atribuímos sentidos às coisas, simplesmente; nós, na verdade, os encontramos; não inventamos os sentidos, nós os detectamos”³⁶.

Apesar de defendida a posição com relação à objetividade ao perceber os objetos estéticos e os valores captados diante deles, isso não exime de considerar também a subjetividade existente nesse processo. Para tanto, é necessário entender melhor de que forma o pensamento de Maria Reicher dialoga com o pensamento frankliano sobre essa questão. Tomemos como exemplo o que a autora considera ao falar, em um contexto mais amplo, o que significa perceber. A autora defende a ideia de que “a percepção é um processo altamente complexo”³⁷ que vai além das percepções sensoriais, e o seu processo interpretativo se dá no âmbito da consciência. Além disso, ela também afirma que em algum nível essa percepção irá depender daquilo que já foi experienciado pelo sujeito dentro de um

³³ FRANKL, 2019, *op. cit.*, p. 106.

³⁴ Cf. REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 92.

³⁵ SCRUTON, Roger Vernon. *Beleza*, São Paulo, 2013, p. 73.

³⁶ FRANKL, 2020b, *loc. cit.*, p. 36.

³⁷ REICHER, 2009, *op. cit.*, p. 99.

contexto social e histórico³⁸. Da mesma maneira, Frankl considera esse contexto ao perceber o homem em sua busca pelo sentido. Ele diz:

O ser humano é antes de mais nada um ser essencialmente histórico, está inserto num espaço histórico concreto, a cujo sistema de coordenadas não logra arrancar-se. E este sistema de relações está determinado, em cada caso, por um sentido, se não inconfessado, talvez em geral inexprimível³⁹.

Dessa forma, podemos considerar que por conta do caráter objetivo no reconhecimento de valores, Frankl também aponta a consciência como sendo o fenômeno “especificamente humano”⁴⁰ que orienta o homem intuitivamente em suas interpretações rumo à descoberta de sentidos.

Postas estas considerações, cabe agora explicar a forma com a qual Frankl compreende a categoria dos valores vivenciais, posteriormente demonstrar de que forma isso dialoga com a estética filosófica. Nesse sentido, é sabido que os valores vivenciais são realizados e/ou apreendidos na experiência de vida. Nas palavras do próprio autor, esses valores “são os que se realizam, por exemplo, ao acolher o mundo, na entrega à beleza da natureza ou da arte”⁴¹. Em outra obra o autor também explica que os sentidos são encontrados uma vez que o ser humano se depara, em essência, com aquilo que é verdadeiro, bem como com as qualidades únicas que cada pessoa carrega consigo⁴².

Para ilustrar as relações que têm sido construídas até aqui, um exemplo de experiência concreta a ser considerada no âmbito dos valores vivenciais, é o modo como o próprio Viktor Frankl no campo de concentração realizava sentido mesmo diante de um contexto pouco propício para o encontro com experiências estéticas. Ainda assim, o que se sabe é que Frankl buscava apreender toda a beleza que lhe fosse possível ao experienciar os pores do sol na Floresta Bávara⁴³. Tal experiência vigorava, ainda que por alguns instantes, seu estado de ânimo ante a fadiga que o trabalho no campo de concentração causava. Conforme o próprio autor menciona em sua obra *Em busca de Sentido*, o sentido naquele contexto se apresentava também como um fator contribuinte para a sobrevivência, uma vez que a falta dele afetava gravemente os prisioneiros, e estes se deixavam sucumbir⁴⁴.

A fim de que se possa imergir mais uma vez na forma com o qual a vivência de uma experiência pode contribuir com o sentido da vida, cabe o exemplo que Frankl conduz o leitor a

³⁸ Ao considerar o contexto social e histórico, Maria Reicher afirma que a percepção não depende apenas de estímulos físicos, mas reconhece a influência que esse contexto tem nas expectativas que o sujeito desenvolve com relação ao objeto. Além disso, ela aponta que o processamento de percepção se dá no âmbito da consciência e envolve o elemento interpretativo. Cf. *Ibidem*, p. 93.

³⁹ FRANKL, 2019, *op. cit.*, p. 83.

⁴⁰ *Ibidem*, *loc. cit.*, p. 106.

⁴¹ *Ibidem*, *loc. cit.*, p. 112.

⁴² *Idem*, 2020b, *op. cit.*, p. 34.

⁴³ Local onde se localizava um dos campos de concentração no qual o Viktor Frankl foi prisioneiro. Nessa floresta ele e outros prisioneiros estavam construindo fábricas subterrâneas de armamento. Cf. *Idem*, 2020a, *op. cit.*, p. 57-58.

⁴⁴ FRANKL, 2020a, *op. cit.*, p. 100. *et seq.*

imaginar. Ele elabora uma experiência mental em um contexto propício para vivência estética, a saber: uma sala de concertos, um amante da música, e os compassos de sua sinfonia predileta. Ele segue sua elaboração pedindo para imaginarmos que diante desse cenário essa pessoa “sente aquela forte comoção que só se experimenta perante a beleza mais pura”⁴⁵, e que ao ser questionada se sua vida tem sentido, a resposta não poderia ser outra senão esta: “valeria a pena viver, mesmo que fosse só para experimentar a vivência desse doce instante”⁴⁶.

Por fim, mas não menos importante, agregado ao exemplo anterior, outra evidência de situação real pode ser encontrada quando Viktor Frankl cita Gabriel Marcel que diz que a “sonata de Beethoven para piano op. 111, ou o quarteto para cordas op. 127 transportam-nos àquelas paragens em que a humanidade consegue ultrapassar-se a si mesma, numa revelação de sentido a um tempo evidente e inefável”⁴⁷

Dessa forma, o que se percebe é que a vivência dos valores vivenciais na logoterapia dialoga com a estética filosófica de Maria Reicher, uma vez que estas vivências correspondem ao que na filosofia é tido como experiência estética. Além disso, outro ponto de intersecção entre essas duas áreas do conhecimento é a objetividade com a qual esses valores são apreendidos e ressaltados na existência humana.

Conclusão

Diante das elucidações aqui propostas, foi possível realizar uma aproximação com as teorias filosóficas que norteiam as investigações deste trabalho, bem como com o pensamento frankliano, e os elementos que dialogam entre essas duas áreas de conhecimento. Dito de outra forma, a definição do que se considera qualidade estética, bem como de outros termos que irão influenciar na compreensão do conceito de experiência estética na obra introdutória de Maria Reicher foi suficiente para relacionar com uma das categorias de encontro de sentido, o qual foi objeto de estudo deste trabalho, qual seja: os valores vivenciais.

Dessa forma, ficou esclarecido que a experiência estética ocorre por meio da percepção não apenas sensível, mas também envolve um processo interpretativo que irá depender do contexto histórico e social do sujeito. De igual modo, se pôde compreender que Viktor Frankl também considera o contexto ao perceber o homem como um ser em busca de sentido, que esses sentidos se manifestam também por meio de três categorias de valores, e que o sujeito irá dispor de uma

⁴⁵ FRANKL, 2019, *op. cit.*, p. 113.

⁴⁶ *Ibidem*, *loc. cit.*, p. 113.

⁴⁷ MARCEL apud FRANKL, 2019, *op. cit.*, p. 412.

consciência intuitiva para o reconhecimento desses valores, o qual segundo Maria Reicher, podem ser percebidos objetivamente.

Em um estudo pormenorizado, caberia ainda investigar sobre aquilo que se considera essencialmente como sendo um valor, e de que forma a fenomenologia busca compreender esses elementos, bem como de outros conceitos que seriam necessários para uma maior evidência da relação entre experiência estética e o sentido da vida. No entanto, os elementos aqui utilizados se mostraram satisfatórios para perceber que os elementos que o sujeito é capaz de perceber e experimentar ao longo da vida, podem contribuir para a descoberta de sentido e significado, de acordo com a logoterapia.

Referências

- FRANKL, Viktor Emil. *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da logoterapia*. Tradução de Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulos, 2011.
- _____. *Em busca de Sentido: um psicólogo no campo de concentração*. Tradução de Walter O. Schlupp, Carlos C. Aveline. 51. ed. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes. 2020a.
- _____. (2020b). *Psicoterapia e existencialismo: textos selecionados em logoterapia*. Tradução de Ivo Studart Pereira. 1. ed. São Paulo: É realizações.
- _____. *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da logoterapia e análise existencial*. Tradução de Alípio Maia de Castro. 7. ed. São Paulo: Quadrante, 2019.
- _____. *Um sentido para a vida: psicoterapia e humanismo*. Tradução de Victor Hugo Silveira Lapenta. Aparecida: Ideias & Letras, 2005.
- REICHER, Maria Elizabeth. *Introdução à estética filosófica*. Tradução de Monika Ottermann. São Paulo: Edições Loyola, 2009.
- SANTOS, Gilfranco Lucena dos. *Edith Stein e o valor estético*, in CARVALHO, Marcelo; CARONE, André Medina; TOURINHO, Carlos; MACEDO, Cecília Cintra Carvalho de; FILHO, Juvenal Savian (Orgs.). *Fenomenologia, religião e psicanálise*. São Paulo, 2015, p. 241-253.
- SCRUTON, Roger Vernon. *Beleza*. Tradução de Hugo Langone. São Paulo: É Realizações, 2013.
- STEIN, Edith. *Beiträge zur philosophischen Begründung der Psychologie und der Geisteswissenschaften/ Eine Untersuchung über den Staat*. [Contribuições para uma fundamentação filosófica da psicologia e das ciências do espírito/ Uma investigação sobre o Estado] 2 ed. Tübingen: Max Niemeyer, 1970.
- .